

DOMINGOS REBÊLO

EM 10 PINCELADAS

ROSA MARIA NEVES SIMAS
(COORDENAÇÃO)

Letras
Lavadas
edições

Ficha Técnica

Título

DOMINGOS REBÊLO EM 10 PINCELADAS

Edição

Letras Lavadas
Projecto Domingos Rebêlo

Dezembro de 2017

Coordenação

Rosa Maria Neves Simas

Textos

Jorge Kol de Carvalho
Gilberta Pavão Nunes Rocha
Jorge Rebêlo
Ana Isabel Neto
Rosa Maria Neves Simas
Ana Cristina Correia Gil
Fátima Mota
Rafael Costa Carvalho
Adolfo Fialho
Renata Correia Botelho

Capa e separadores

Paisagem, 1908, óleo sobre cartão, 18 x 23 cm. Coleção particular.

Fotografia

António Pacheco – Museu Carlos Machado
Arnaldo Soares – Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado
Bruno Amaral
Fernando Resendes
Fundação Galp Energia – Coleção de Obras de Arte
João Silveira Ramos
Jorge Kol de Carvalho
Jorge Rebêlo
Rosa Maria Neves Simas

Desenho Gráfico

Pedro Melo - Nova Gráfica, Lda.

Impressão

Nova Gráfica, Lda.

Depósito legal

434010/17

ISBN

978-989-735-161-7



PUBLIÇOR Editores
Rua Praia dos Sarmentos, 10 – São Roque
9500-706 Ponta Delgada
Tel. (+351) 296 630 080 – Fax: (+351) 296 630 089
E-mail: publicor@publicor.pt
www.publicor.pt

Todos os direitos reservados. Esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por qualquer forma ou quaisquer meios electrónicos, mecânicos ou outros, incluindo fotocópia, gravação magnética ou qualquer processo de armazenamento ou sistema de recuperação de informação, sem prévia autorização escrita do autor ou do editor.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
PROJECTO DOMINGOS REBÊLO	9
LISTA DE IMAGENS	11
EMIGRAÇÃO	
Jorge Kol de Carvalho Emigrantes: Alusão ou Ilusão	15
Gilberta Pavão Nunes Rocha Interpretações e linguagens dos fenómenos sociais: Do quantitativo e da arte	23
NATUREZA	
Jorge Rebêlo A paisagem na obra de Domingos Rebêlo	37
Ana Isabel Neto O mar como fonte de inspiração: Da pintura de Domingos Rebêlo à investigação das algas marinhas	51
NATUREZA E CULTURA	
Rosa Maria Neves Simas Paisagens naturais e culturais: Domingos Rebêlo no turismo	61
CULTURA	
Ana Cristina Correia Gil O panorama cultural e literário português no tempo de Domingos Rebêlo	77
Fátima Mota Do local para o global, artistas e mercados: Uma visão a partir da periferia	85
Rafael Costa Carvalho Domingos Rebêlo e a Viola de Dois Corações	91
EDUCAÇÃO E ARTE	
Adolfo Fialho Domingos Rebêlo na Escola do Século XXI: Uma proposta em tons de verde e azul	99
Renata Correia Botelho Três pinceladas afectivas sobre Domingos Rebêlo, Ou de como há nomes que habitamos a vida inteira	109
GALERIA DE OLHARES	119

INTRODUÇÃO

Numa altura em que se fala cada vez mais dos afectos – na política, na educação, e até na minha área dos estudos literários e culturais – começo por dizer que *Domingos Rebêlo em 10 Pinceladas* é um livro de afectos. Como uma tela, reúne recordações e percepções, descrições e avaliações empenhadamente tecidas por 10 pessoas, criando assim um retrato a que também poderíamos chamar “Domingos Rebêlo no século XXI”, pois este livro é um testemunho da actualidade da obra do pintor, e da variedade e vitalidade do seu legado cultural e artístico.

Mas os afectos também pertencem ao pintor e à sua obra, como bem alude Leonor Almeida Pereira, no catálogo da exposição de 2016 *Domingos Rebêlo: Porventura um pouco sonhador*. Referindo-se ao olhar dos espectadores, depois de ter refutado a “ingrata pretensão” dos que reclamam do pintor “não ter querido ou não ter conseguido viver além do seu tempo, do seu lugar” ou “refutar a tradição, as escolas e respectivas correntes estéticas”, a curadora desta exposição pergunta: “O que nos eleva ao ponto sobranceiro de negligenciar a complexa trama de um processo criativo só por este ser partidário do real? Ou por gravitar em torno dos afectos, em detrimento da rotura ou da afirmação do novo e de si?” (2016, 11).

Gravitando também em torno dos afectos, este livro junta 10 pessoas que aceitaram, prontamente, o desafio de pensar e sentir o pintor, a partir das suas diversas áreas de actividade: Jorge Kol de Carvalho, arquitecto; Gilberta Rocha, socióloga; Ana Isabel Neto, bióloga marinha; Jorge Rebêlo, neto do pintor e estudioso da sua obra; Rosa Neves Simas e Ana Cristina Gil, estudos literários e culturais; Fátima Mota, galerista; Rafael Carvalho, músico; Adolfo Fialho, educador; e Renata Botelho, psicóloga e poeta. Assim, este livro é feito de 10 reflexões, 10 visões bastante distintas e próprias, mas também coincidentes em diversos aspectos que são fundamentais, e que também o terão sido para Domingos Rebêlo.

Logo à partida, sobressai a temática da emigração, fruto da enorme popularidade da obra *Os Emigrantes*, que fez de Domingos Rebêlo o pintor da emigração, validando ainda mais o estatuto de “pintor dos Açores” que Vitorino Nemésio já lhe tinha conferido em 1924. Isto porque a migração, de uma forma ou outra, está no ADN das ilhas e do povo que as habita física ou espiritualmente. Marcado por esta realidade, Domingos Rebêlo, que foi estudar pintura para Paris em 1907, quando tinha apenas 15 anos, e que se viu obrigado a viver em Lisboa, a partir de 1942, sentiu-se ele próprio emigrante, acabando por criar o apelido de “décima ilha” para se referir ao seu Atelier em Campo de Ourique. É uma temática incontornável, aqui evocada e analisada em relação ao Mestre e aos seus dois filhos emigrados, no âmbito do fenómeno migratório nos

Açores, no tempo do pintor e depois, e também no contexto da açorianidade, da música e da cultura.

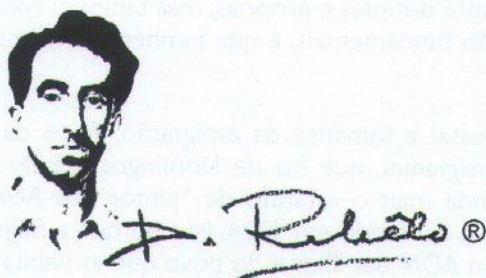
Igualmente preponderante e estruturante, neste livro, são as pinceladas sobre a natureza dos Açores – o magma que formou as ilhas, a vegetação que as coloriu, as águas do oceano e a nebulosidade do ar e das nuvens que as rodeiam. Girando à volta das paisagens naturais do pintor, estas pinceladas dão forma a iniciativas e projectos, reflexões e sugestões, no âmbito do estudo do mar, da educação e do turismo, e no contexto do panorama cultural e literário em Portugal, no tempo de pintor, e da promoção da cultura e da arte na actualidade.

Emigração, natureza, cultura, educação, arte – são estas as géneses dos textos que, juntos, compõem este quadro dinâmico de *Domingos Rebêlo em 10 Pinceladas*. São estas as cinco grandes áreas temáticas que estruturam e animam este livro, ao mesmo tempo que se cruzam e entrelaçam nos textos aqui reunidos.

Porém, emigração, natureza, cultura, educação e arte terão sido, também, as géneses da própria obra do pintor dos Açores. Todavia, se assim foi, imagino que ele teria colocado a arte em primeiro lugar. Quem sabe? Mas, bem vistas as coisas, diria que a sua arte resulta das outras quatro. Pelo que sabemos, emigração, natureza, cultura e educação foram os pilares da vida e obra de Domingos Rebêlo, que permanece vivo nas pinceladas com que criou os seus quadros e, também, nas pinceladas criadas por pessoas que se lembram dele e que se movem e comovem ao ver e (re)viver a sua obra.

Rosa Maria Neves Simas

Novembro de 2017



PROJECTO DOMINGOS REBÊLO

Jorge Rebêlo | Rosa Maria Neves Simas | Susana Nunes Caldeira

PROJECTO DOMINGOS REBÊLO

Domingos Rebêlo (1891-1975) nasceu em Ponta Delgada, na Ilha de São Miguel, e, durante mais de seis décadas, retratou o ambiente e a realidade dos Açores nos seus quadros, incluindo *Os Emigrantes* (Figura 1, p.24), uma pintura notável que é conhecida no arquipélago e além-fronteiras, tendo-se tornado uma imagem icónica da experiência de emigração, no contexto dos Açores e do país. A notoriedade desta obra de 1926, que é apenas uma de dez versões da temática que o artista criou durante um período de três décadas, parece ter-se sobreposto à extraordinária variedade e mestria das obras do artista, dispersas em coleções públicas e privadas. O *Projecto Domingos Rebêlo* foi criado para superar esta situação, através da inventariação e divulgação desta vasta obra em Portugal e no estrangeiro.

Assim, desde 2014, o *Projecto Domingos Rebêlo* tem dado continuidade ao trabalho feito, durante duas décadas, pelo neto do artista, Jorge Rebêlo, que publicou, em 2014, "A arte do meu avô e as dez versões do quadro *Os Emigrantes*" no livro *A Voz dos Avós: Gerações e Migrações*, coordenado por Rosa Simas e Suzana Caldeira, a equipa do *Projecto*. Também em 2014, uma especial parceria com a Câmara Municipal de Ponta Delgada levou à criação do Roteiro Turístico *Ponta Delgada Revisitada*, seis painéis colocados em pontos da cidade onde o artista retratou a urbe da altura. Em 2015, o Município de Ponta Delgada voltou a honrar o seu filho nativo com a exposição de rua *Regresso a Ponta Delgada*, 20 reproduções de obras da colecção da família Rebêlo, expostas no centro da cidade, primeiro nas arcadas da Praça Gonçalo Velho, e depois ao longo do Largo da Matriz e do Centro Municipal de Cultura. É de destacar que esta exposição foi, também, levada para as freguesias rurais do concelho, onde foi acolhida com cuidado e atenção.

Em 2016, para assinalar os 125 anos do nascimento do pintor, a Câmara Municipal de Ponta Delgada patrocinou a publicação do álbum bilingue *Domingos Rebêlo: Pintura*, com organização do pintor Urbano e um texto introdutório de Tomaz Borba Vieira – num livro especial que reúne três gerações de pintores dos Açores. Nesse mesmo ano, o *Projecto* publicou o calendário comemorativo *Domingos Rebêlo 2016*, também em edição bilingue, e o estudo "Açorianidade e a Obra de Domingos Rebêlo" no livro *Da Literatura e da Cultura: Homenagem a António Machado Pires*. Também nesse ano comemorativo de 2016, o Governo Regional, através do Museu Carlos Machado, realizou a exposição *Domingos Rebêlo: Porventura um pouco sonhador*, no Núcleo de Santa Bárbara. No âmbito dessa exposição, o *Projecto* organizou a série de palestras *Olhares sobre Domingos Rebêlo*, que está na génese deste livro.

A equipa do *Projecto Domingos Rebêlo* agradece reconhecidamente todo o apoio prestado na realização destas iniciativas. A nossa gratidão vai, também, para todos e todas que, com entusiasmo e empenho, participaram nas palestras de 2016 e, agora, neste livro, *Domingos Rebêlo em 10 Pinceladas*.

PAISAGENS NATURAIS E CULTURAIS: DOMINGOS REBÊLO NO TURISMO

Rosa Maria Neves Simas

Professora e Investigadora

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.UAC/CICS.NOVA.UAC
Universidade dos Açores/Universidade Nova de Lisboa

O turismo nos Açores, desde longa data e especialmente agora, tem dependido grandemente da natureza e das paisagens naturais das ilhas. Assim, o turismo de natureza tem predominado no arquipélago, naturalmente. Nos Açores, porém, o meio ambiente moldou a cultura, e o papel central da natureza na realidade açoriana está claramente retratado nas artes visuais e na literatura dos Açores. Apesar disto, a relação natureza-cultura tem merecido pouca atenção entre agentes culturais e investigadores. Simultaneamente, e talvez por arrastamento, a indústria turística tem estado alheia a este aspecto fundamental da realidade açoriana e às possibilidades que ele oferece ao sector.

Aliás, é a ligação natureza-cultura que fundamenta e movimenta a açorianidade, expressão identitária criada por Vitorino Nemésio em 1932. Tendo a sua génese na experiência *individual* do grande escritor açoriano, o conceito de açorianidade evoluiu, ao longo dos 85 anos em que existe, sendo visto hoje como a expressão da identidade *colectiva* do povo açoriano. E faz parte integral e integrante das obras produzidas pelas duas figuras emblemáticas da cultura açoriana: o escritor Vitorino Nemésio (1901-1978), que criou o próprio conceito, e o pintor Domingos Rebêlo (1891-1975), que lhe deu vida, cor e luz nas suas telas, tão emblemáticas da realidade açórica.

Como representação identitária, a açorianidade define-se pelo lugar, neste caso, pelo meio ambiente, resultando do impacto da geografia na psique dos habitantes das ilhas, indelevelmente moldada pela vivência em montes vulcânicos dispersos no vasto Atlântico-Norte. Segundo Nemésio, “somos de carne e pedra”, tendo sido “enraizados pelo *habitat* a uns montes de lava que soltam da própria entranha uma substância que nos penetra. A geografia, para nós, vale outro tanto como a história”. Prosseguindo, o escritor dos Açores explica que nascemos e crescemos num pedaço de Portugal “... adaptado a nuvens baixas, ventos húmidos e salinos, isolamentos e provações do mar e do vulcanismo, humidades relativas do ar de 70 a 100%, atmosferas densas e pesadas, a que visitantes ingleses mal-humorados deram o nome de *Azorean torpor*” (1932).

Oito anos antes, em 1924, Vitorino Nemésio publicara uma carta aberta ao pintor, Domingos Rebêlo, no jornal *A União* (repblicada no *Correio dos Açores*), depois de ter visto uma exposição do artista na sua ilha natal, a Terceira. Nesta missiva, diz que Rebêlo pinta "à nossa maneira" e salienta a sua mestria na recriação da luz e das cores das ilhas. Chama Rebêlo, que tinha apenas 34 anos na altura, "o pintor dos Açores" e explica que "chamarei côr das ilhas à que o Domingos transverte nos seus quadros".

Domingos Rebêlo nasceu em Ponta Delgada, em 1891, e impulsionou a pintura na região no início do século XX. Ao longo de uma carreira artística de mais de seis décadas, produziu uma vasta e variada obra, que se encontra hoje dispersa pelo mundo, em colecções públicas e privadas. Como artista, bebeu inspiração nas *nuances* da luz e sombras, nas formas e cores das paisagens naturais dos Açores, que retratou nas suas telas mais inovadoras, por vezes incluindo figuras humanas em posições e composições esteticamente sugestivas, de que são exemplos as seguintes obras (Figuras 12-16).

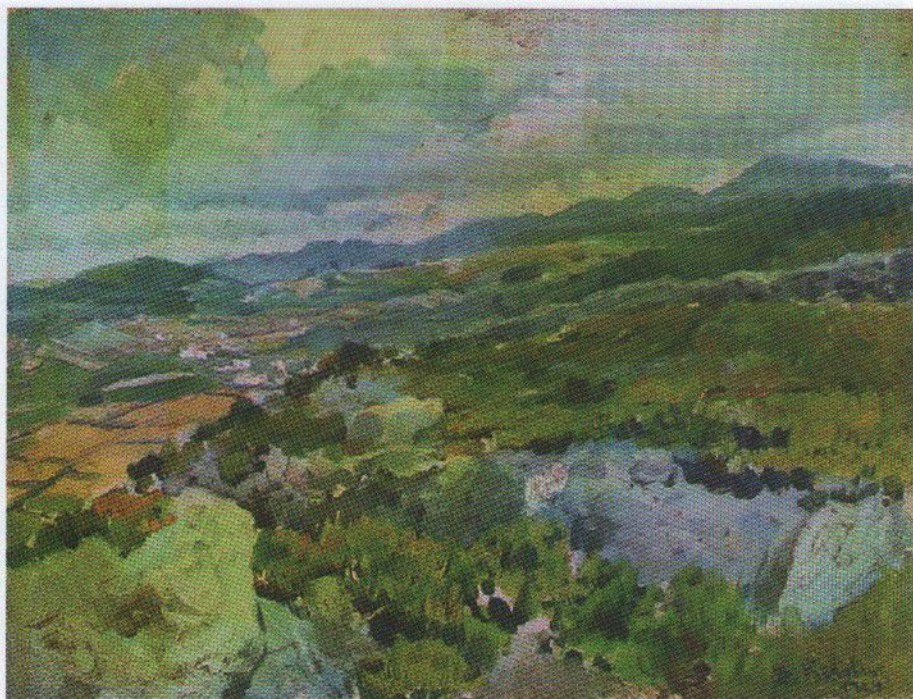


Figura 12: *Paisagem da Ilha Terceira*
1924, óleo sobre tela, 46 x 60cm. Coleção Museu Carlos Machado.



Figura 13: *Maria Josefina Rebêlo no balcão do Calço da Má Cara*
1926, óleo sobre tela, 94 x 114cm. Coleção privada.



Figura 14: *Um canto de jardim*
1927, óleo sobre tela, 140 x 180cm. Coleção Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado.

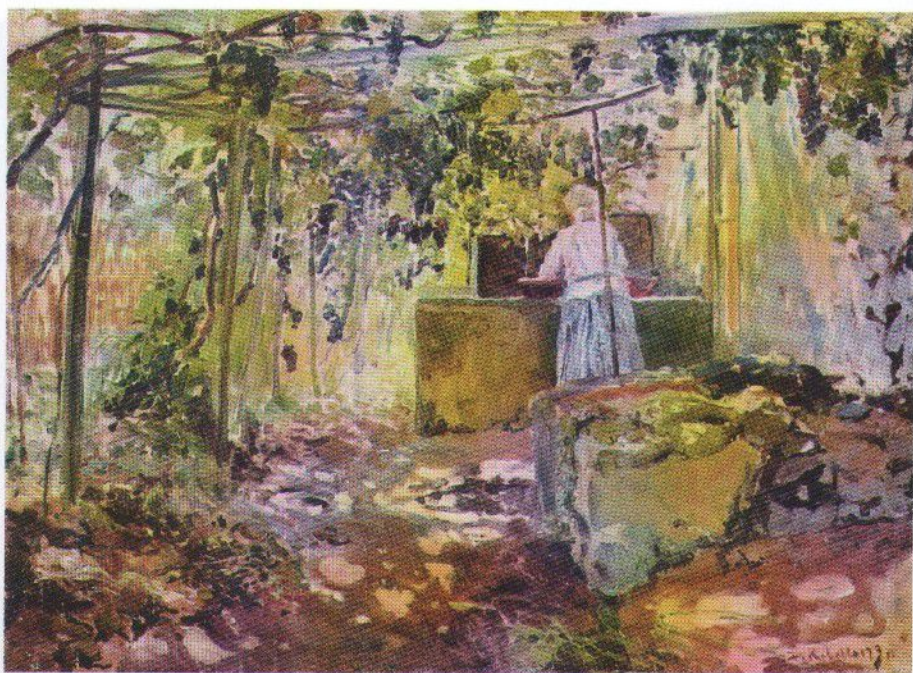


Figura 15: *Latada*
1930, óleo sobre tela, 73 x 100cm. Coleção privada.

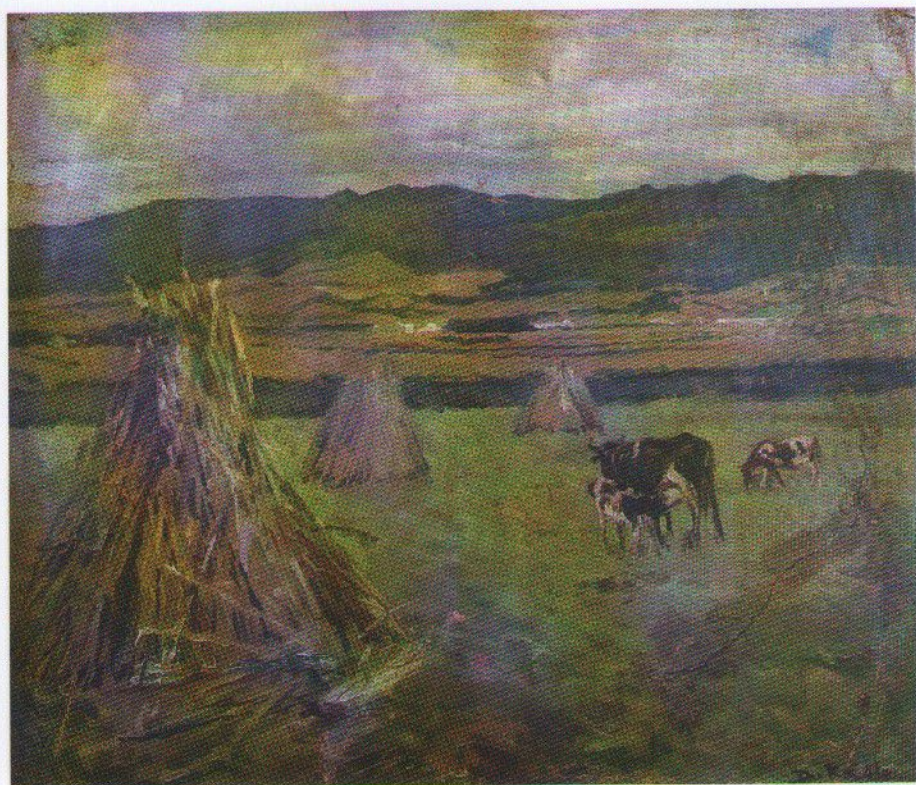


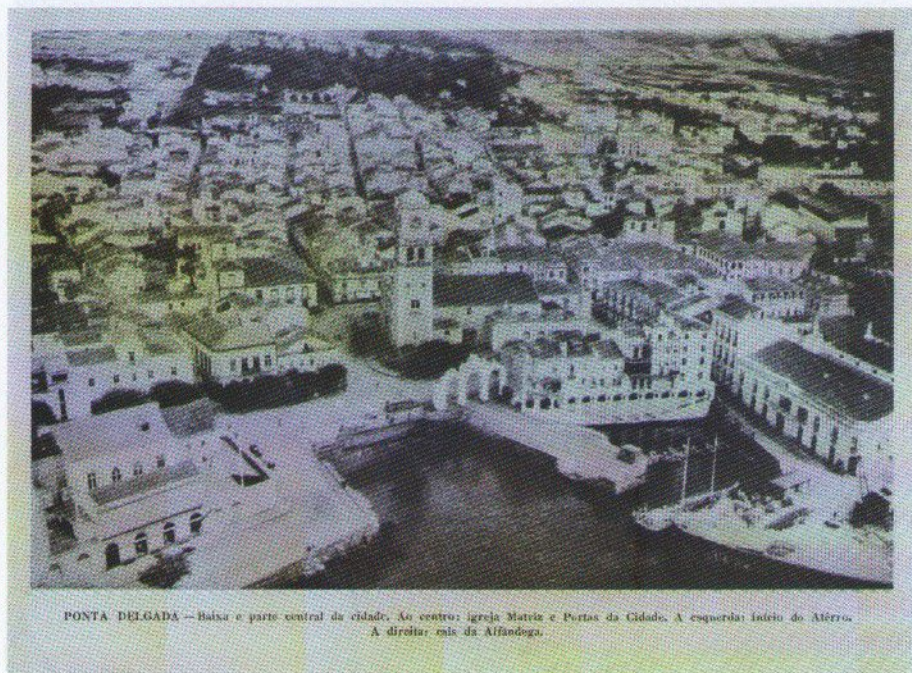
Figura 16: Paisagem com fardos de palha
1932, óleo sobre tela, 49 x 58cm. Coleção privada.

Ao mesmo tempo que era exímio na sua técnica de recriar a luz, as sombras e as cores das ilhas, Domingos Rebêlo foi também mestre na forma como retratou a realidade açoriana. E, por incrível que pareça, enquanto a sua vasta produção artística é ainda pouco conhecida, infelizmente, uma das suas obras tornou-se tão famosa que se transformou na imagem emblemática dos Açores. Falo, naturalmente, do quadro *Os Emigrantes*, mais precisamente na sua versão de 1926. De facto, reproduções surgem por todo o lado, em todo o momento, mesmo quando menos se espera. No passado Verão de 2017, por exemplo, encontrei uma reprodução de *Os Emigrantes* a navegar, num barco, num poço, num jardim público na Ilha de São Jorge (Foto 6).



Foto 6: *Os Emigrantes* nas Sete Fontes, Ilha de São Jorge.

Para perceber melhor as razões que levaram a esta enorme popularidade da obra *Os Emigrantes*, recuemos ao tempo em que Domingos Rebêlo viveu, quando a baixa de Ponta Delgada terminava no Cais da Alfândega (no lado direito da Foto 7), palco do que minha mãe chamava as “despedidas dolorosas”, tão conhecidas do povo dos Açores.



PONTA DELGADA – Baía e parte central da cidade. Ao centro: igreja Matriz e Portas da Cidade. A esquerda: interior do Alêro. A direita: cais da Alfândega.

Foto 7: Vista aérea de Ponta Delgada na primeira metade do século XX.

Depois de terem passado pela Alfândega, as pessoas que tinham assuntos a tratar no continente embarcavam para Lisboa. Mas muitos emigraram. Alguns foram para o Brasil e outros destinos, mas a maioria rumou aos Estados Unidos e depois Canadá. Isolados durante séculos no vasto Atlântico, os açorianos, confrontados com a terra exígua das ilhas, sentiam a necessidade de ir além. Uma vez afastados, porém, sentiam saudades das ilhas, outro aspecto basilar da açorianidade. É caso para dizer, parafraseando o popular ditado em inglês, que “You can take the boy out of the country, but you can’t take the country out of the boy”, ou seja, “Podemos tirar o açoriano das ilhas, mas não podemos tirar as ilhas da alma do açoriano”. Mais eloquentes são as palavras de outro grande escritor açoriano, Daniel de Sá, quando escreve: “Partir é a pior maneira de ficar na ilha!” (132).

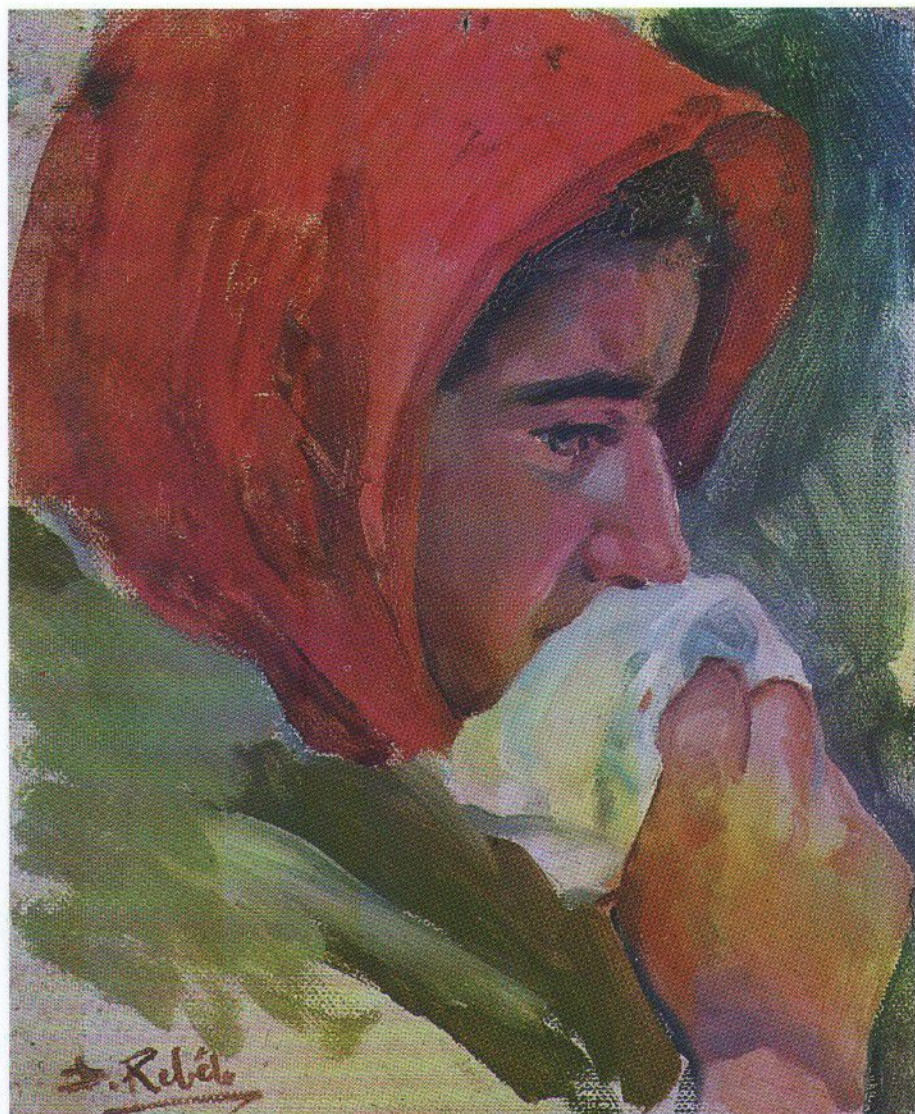


Figura 17: Estudo para Os Emigrantes
Cerca 1926, óleo sobre tela, 35 x 29cm. Coleção Museu Carlos Machado.

Domingos Rebêlo, que se viu obrigado a ir para Lisboa, em 1942, para melhor sustentar a família e facultar o ensino superior aos cinco filhos, viveu esta realidade de perto, sentindo-se ele próprio emigrante. Criou o termo, hoje ressonante, “a décima ilha”, apelido que deu ao seu Atelier na Rua Coelho da Rocha, em Campo de Ourique. Voltou à temática de *Os Emigrantes* durante mais de três décadas e, talvez por ironia do destino, viu os dois filhos João e Luiz, que serviram de modelos para as crianças na sua obra emblemática, emigrarem ambos para o Canadá. “Ser ilhéu é ser embarcadiço” escreveria Nemésio. Assim, segundo o neto Jorge Rebêlo, “o pintor dos Açores” deixou-nos pelo menos dez versões de *Os Emigrantes* (2014). A última, datada de 1956 (Figura 18), transborda de mágoa e dor. As linhas negras e carregadas levam à técnica expressionista e ao tom apocalíptico da obra, num prenúncio do destino doloroso e sombrio que persegue migrantes, mesmo até aos nossos dias.

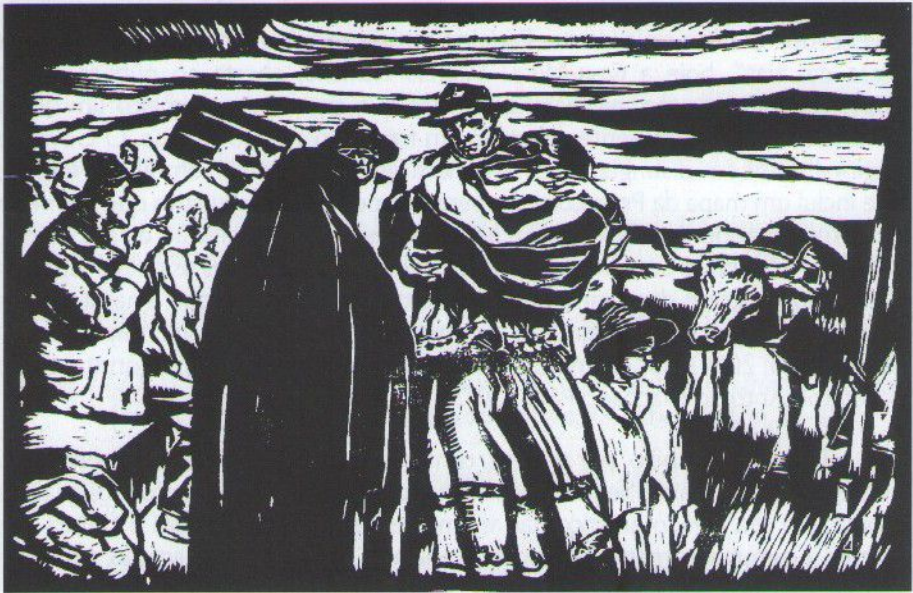


Figura 18: *Os Emigrantes*
Cerca 1956, xilogravura sobre papel, 48 x 66cm. Coleção particular.

Natureza, cultura, geografia, história, açorianidade, emigração – são realidades dinâmicas e interligadas que fundamentam e movimentam a experiência açoriana, dentro e fora das ilhas, expressas nas obras de Vitorino Nemésio e Domingos Rebêlo. Porém, a ligação natureza-cultura contém todas as outras, entrelaçando os diversos filamentos do ser açoriano. Por isso, a conjugação do turismo de natureza com o turismo cultural surge como uma opção natural para os Açores.

No entanto, esta possibilidade tem sido pouco ou nada aproveitada pelo turismo local, o que é lamentável, pois a ligação natureza-cultura, a conjugação de paisagens naturais e culturais, poderia ser uma mais-valia, trazendo inúmeros benefícios ao sector. Assim, enquanto desfrutavam da vitalidade e exuberância da natureza dos Açores, os visitantes teriam a oportunidade de experienciar dimensões inesperadas do seu itinerário de viagem; desenvolver uma forma mais holística e *engagé* de estar nos lugares que visitam; estabelecer uma ligação mais genuína e duradora com a população e a cultura local; e aprofundar o seu conhecimento da forma como os seres humanos se relacionam com a natureza, numa altura em que o nosso planeta tanto precisa dessa sensibilidade e conhecimento. Estes objectivos espelham, por exemplo, o chamado “turismo criativo” (Richards & Wilson, 2007) e iriam revigorar e dinamizar o turismo nos Açores.

Voltando às duas figuras icónicas da cultura açoriana, terminamos com uma breve reflexão, comparando a situação de Vitorino Nemésio e Domingos Rebêlo no panorama atual do turismo. No cômputo final, Nemésio parece ser o vencedor. O Município da sua Praia da Vitória adquiriu e restaurou a chamada “casa das tias”, hoje a *Casa-Museu Vitorino Nemésio*, aberta ao público desde 2007. Os visitantes são, na maioria, turistas que encontram primeiro um busto do escritor, estrategicamente colocado em frente ao vistoso edifício. O Governo Regional também distinguiu Nemésio com um desdobrável, em língua inglesa, que inclui um mapa da Praia com um percurso pedestre dos lugares que Nemésio percorreu quando lá vivia, cada um acompanhado de uma citação da sua escrita. Tudo isto é bastante positivo, tal como a fluência do inglês, mas os textos repetem dados biográficos e descaram, por completo, o papel fulcral que a natureza dos Açores tem na escrita de Nemésio, a começar pelo romance *Mau tempo no canal* (Simas 2014; 2016), por exemplo, onde a natureza é também protagonista, como constatou António Machado Pires (2013).

Domingos Rebêlo, por sua vez, continua à espera de um museu com o seu nome, um espaço para albergar e exibir uma colecção permanente dos seus quadros e honrar o seu legado artístico, tão intimamente ligado à natureza e cultura dos Açores, e simultaneamente promover iniciativas em prol dessa ligação natureza-cultura. Esta lacuna é, na minha perspectiva, uma afronta ao lugar de destaque que Rebêlo merece no seio da cultura açoriana. Todavia, várias iniciativas têm ocorrido recentemente, com o impulso gerado pelo *Projecto Domingos Rebêlo*, criado em 2014.

No ano de 2014, o Município de Ponta Delgada honrou o seu filho nativo, com o percurso pedestre *Ponta Delgada Revisitada*, seis painéis bilingues colocados na cidade, nos lugares retratados pelo pintor. Em 2015, o Município também patrocinou a exposição de rua *Regresso a Ponta Delgada*, 20 reproduções de obras da colecção da família Rebêlo, expostas no centro da cidade, primeiro nas arcadas da Praça Gonçalo Velho, e depois ao longo do Largo da Matriz e do Centro Municipal de Cultura. É de destacar que esta exposição foi, também, levada para as freguesias rurais do concelho, onde foi acolhido com cuidado e atenção.

Para assinalar os 125 anos do nascimento do pintor, em 2016, a Câmara Municipal de Ponta Delgada patrocinou a publicação do álbum bilingue *Domingos Rebêlo: Pintura*, com organização do pintor Urbano e um texto introdutório de Tomaz Borba Vieira – o que quer dizer que este livro reúne três gerações de pintores dos Açores. Nesse mesmo ano, o *Projecto* publicou o calendário comemorativo *Domingos Rebêlo 2016*, também em edição bilingue, e o Governo Regional, através do Museu Carlos Machado, organizou a exposição *Domingos Rebêlo: Porventura um pouco sonhador*, no Núcleo de Santa Bárbara. No âmbito desta exposição, o *Projecto* organizou uma série de palestras que estão na génese desta publicação, *Domingos Rebêlo em 10 Pinceladas*.

Toda esta actividade é notável, evidentemente, mas tudo indica que o impacto destas iniciativas no turismo terá sido mínimo. E “o pintor dos Açores” ainda aguarda o museu que honre o seu nome e o seu legado. E a conjugação de paisagens naturais e culturais, do turismo de natureza ligado ao turismo cultural, tarda em chegar às ilhas.

BIBLIOGRAFIA

- Machado Pires, A. (2013), *Páginas sobre Açorianidade*. Ponta Delgada: Letras Lavadas.
- Nemésio, V. (1924), “A Exposição Domingos Rebelo: Carta de Vitorino Nemésio”, *A União*, Angra do Heroísmo, republicado no *Correio dos Açores*, Ponta Delgada.
- (1932). “Açorianidade” in *Ínsula*, nº 7: Julho-Agosto.
- Rebêlo, J. (2014), “A Arte do meu avô e as dez versões do quadro *Os Emigrantes*” in Simas, R., (coord.), *A Vez e Voz dos Avós: Gerações e Migrações*. Lisboa: Colibri, 27-42.
- Richards, G. & Wilson, J. (2007), *Tourism, Creativity and Development*, London: Routledge.
- Sá, D. de (2010), *Ilha grande fechada*, Ponta Delgada: Ver Açores.
- Simas, R. (2014), *Estudo de Caso em Literatura: O romance Mau Tempo no Canal in Guerra, H., Gomes, L., Viana, M. & Simas, R., Mineração de Texto em Humanidades*, Lisboa: Centro de História, Universidade de Lisboa.
- Simas, R. (2016), “Perspetivas sobre a Natureza dos Açores: Uma abordagem Feminista e Ecocrítica” in Conde, M. et al, (coord.), *Percursos da História: Estudos In Memoriam de Fátima Sequeira Dias*. Ponta Delgada: Nova Gráfica, 137-173.
- Simas, R., Rebêlo, J., & Caldeira, S. (2016), “Açorianidade e a obra de Domingos Rebêlo” in *Da Cultura e da Literatura: Homenagem a António Machado Pires*. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 437-460.

Gravitando em torno dos afectos, este livro junta 10 pessoas que aceitaram, prontamente, o desafio de pensar e sentir o pintor, a partir das suas diversas áreas de actividade: Jorge Kol de Carvalho, arquitectura; Gilberta Rocha, demografia; Ana Isabel Neto, biologia marinha; Jorge Rebêlo, neto do pintor e estudioso da sua obra; Rosa Neves Simas e Ana Cristina Gil, estudos literários e culturais; Fátima Mota, galerista; Rafael Carvalho, músico; Adolfo Fialho, educador; e Renata Botelho, psicóloga e poeta. Assim, este livro é feito de 10 abordagens, 10 visões bastante distintas e próprias; mas também coincidentes em diversos aspectos que são fundamentais, e que também o terão sido para Domingos Rebêlo.



ISBN 978-989-735-161-7



9 789897 351617